

MINISTÉRIO DA CULTURA DO GOVERNO FEDERAL, SECRETARIA DE
ESTADO DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS DO
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO e BANCO DO BRASIL apresentam

NISE

em nós

uma ode ao delírio

com Dupla Companhia



Celebração aos 120 anos de Nise da Silveira

A14



Banco do Brasil apresenta o espetáculo "Nise em Nós - uma ode ao delírio", baseado na trajetória da importante cientista brasileira Nise da Silveira (1905-1999), em celebração aos 120 anos de seu nascimento. A peça propõe uma reflexão sobre a relação entre arte, saúde mental e a contribuição de Nise para o campo da psiquiatria, numa espécie de gesto de escuta dos envolvidos na realização. A montagem costura memórias pessoais do elenco com histórias reais dos clientes, artistas e pensadores que cruzaram o caminho de Nise, como Graciliano Ramos, Carl Gustav Jung, Martha Pires Ferreira e Dona Ivone Lara, trazendo as máximas do afeto como metodologia e do cuidado como revolução. Ao receber esse projeto, o Centro Cultural Banco do Brasil oferece ao público oportunidade de pensar criticamente sobre temas relevantes para a sociedade, reafirma o seu apoio ao teatro nacional e o compromisso com a promoção da arte, a valorização do conhecimento e a ampliação da conexão dos brasileiros com a cultura.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL

apresentação.

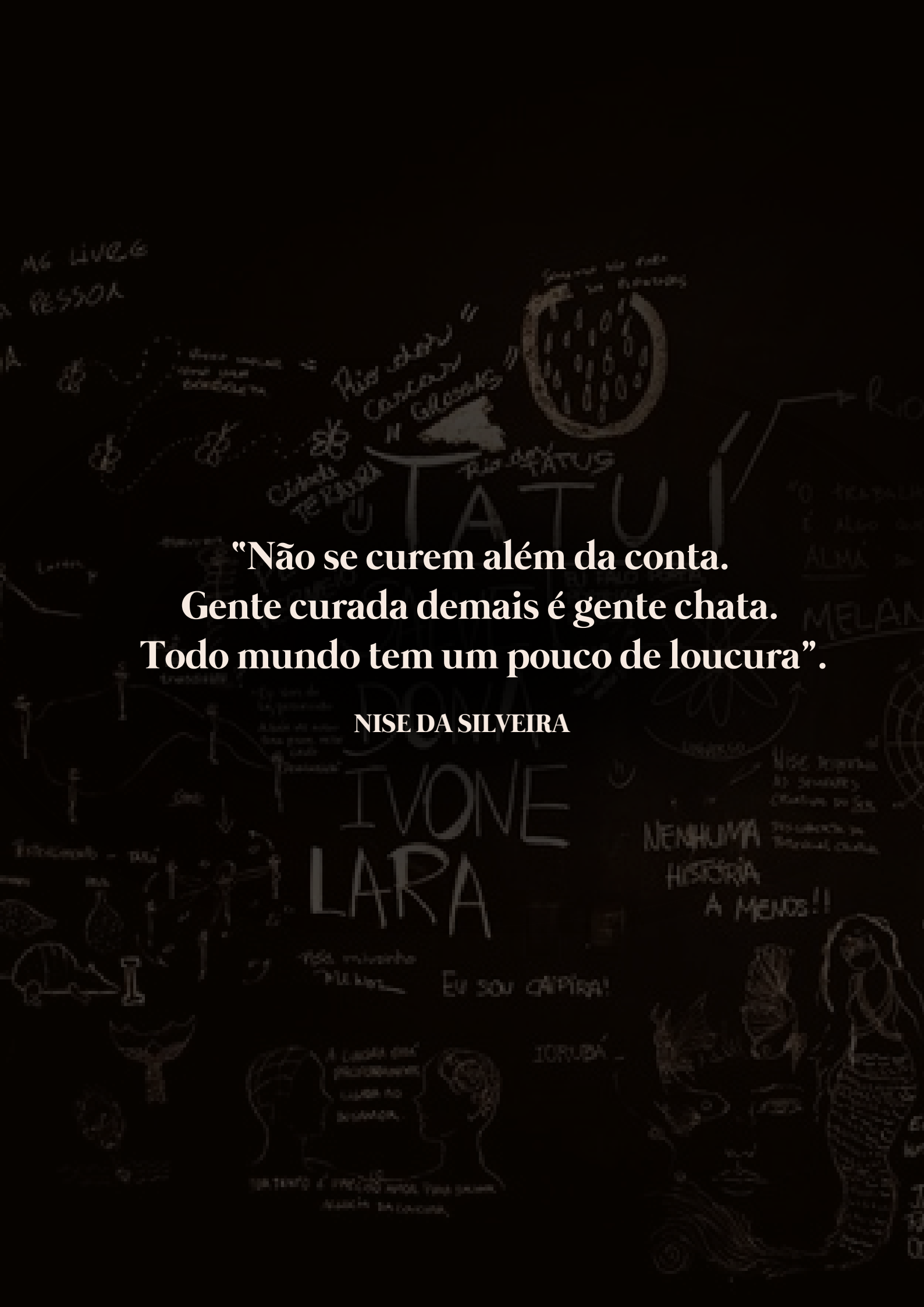
Apresentar "Nise em Nós" no Centro Cultural Banco do Brasil – São Paulo é afirmar que a memória da Doutora Nise da Silveira segue pulsando como farol ético e poético. É dizer que o teatro, este espaço de reinvenção do real, pode ser um gesto radical de cuidado. Em cena, vozes e memórias se entrelaçam: nossas histórias pessoais se costuram com relatos de clientes, artistas e pensadores que cruzaram o caminho da doutora. Ao celebrar os 120 anos de nascimento de Nise, a Dupla Companhia também lança o olhar adiante — para o futuro da saúde mental, para a legitimação do direito ao delírio e para a construção de um Brasil mais sensível, onde o amor não seja exceção, mas método. Portanto convidamos o público a reencantar o mundo com os pés na terra e o olhar no impossível. É memória, é política, é poesia. E agora, diante das portas abertas do CCBB-SP, estamos à espera do encontro.

DUPLA COMPANHIA

sobre a dupla companhia.

Ao longo da última década, a Dupla Companhia construiu um repertório que dialoga com as camadas simbólicas da memória, do território e da identidade, colocando em cena histórias atravessadas por experiências coletivas e pelos desafios da vida cultural no interior paulista. A trajetória do grupo compreende dois momentos distintos: um primeiro, marcado por uma abordagem experimental voltada a dramaturgias consolidadas (“Esperando Godot”/2019), “Alma Pueril”/2020 e “Ícaros”/2021); e um segundo, iniciado durante a pandemia, quando, em meio ao isolamento, passamos a olhar demoradamente para as nossas memórias e iniciamos a criação da Trilogia Memória. Essa trilogia teve início com “As Três Marias” (2022), com texto inédito de Luís Alberto de Abreu escrito especialmente para a companhia em parceria com o SESI-SP; seguiu com “Nise em Nós – uma ode ao delírio” (2025), a partir da história de Nise da Silveira, com direção e dramaturgia de Duda Rios; e se completa com “Laudelina” (2025), solo com atuação de Rafaele Breves, direção de Luiza Loroza e texto inédito de Cristiane Sobral. Em 2025, como reconhecimento dessa trajetória, a sede da companhia foi certificada como Ponto de Cultura. Neste mesmo ano, em celebração aos dez anos de atuação, estaremos o espetáculo “Por Trás do Céu”, com direção de Inês Peixoto e texto de Caio Sôh. A Dupla Companhia tem privilegiado processos artísticos de longa duração, construídos em colaboração com artistas e pensadores do Brasil e do mundo, sustentados por uma escuta atenta ao território. Sua atuação propõe um teatro comprometido com a coletividade, com a invenção de imaginários possíveis e com a formação de públicos diversos, reafirmando o papel da arte como prática de liberdade, de memória e de transformação.





**“Não se curem além da conta.
Gente curada demais é gente chata.
Todo mundo tem um pouco de loucura”.**

NISE DA SILVEIRA



Aqui estamos nós, em um palco que se faz, ao mesmo tempo, espelho e labirinto. Habitando um espaço em que vozes, gestos e sonoridades cintilam como fragmentos do inconsciente, corremos o risco de nos ver — e de nos perder — em uma trama que não compreende fronteiras de tempo e espaço, sonho e realidade. Neste espetáculo-celebração convivem clientes, amigos, poetas, mestras e mestres populares: pessoas que habitaram o universo de Nise da Silveira e que ainda pulsam em cada um de nós. Talvez a verdadeira potência deste encontro resida naquilo que não se vê de imediato: o invisível que sustenta os espaços a serem preenchidos entre a obra e o público. Se, de um lado, a revolução da Doutora foi propor o afeto como método, por outro, o que buscamos coletivamente é repovoar um território com memórias e identidades apagadas pelo tempo. Compreender a complexidade de um país continental e profundo exigiu que nos tornássemos poetas. E é por meio da poesia que temos insistido em ver o mundo. Entendemos que reexaminar histórias e raízes demanda um olhar que ultrapasse as certezas estabelecidas.

Assim, mais uma vez, entregamos nossos olhos a essa terra vermelha de Tatuí/SP que nos une ao “vermelho como a brasa” deste Brasil (onde passado, presente e futuro se entrelaçam no afeto como força revolucionária). É então que sentimos ter encontrado Nise: o palco transformou-se em ponte para que ela adentrasse o nosso tempo. Em “Nise em Nós”, a Dupla Companhia sonha com um amanhã possível. Celebramos, aqui, os 120 anos da Doutora Nise da Silveira e convidamos cada pessoa presente a perceber que a esperança, por mais imperceptível que seja, permanece como a mais bela das revoluções.

LUCAS GONZAGA

**Idealização, Direção de Produção e Elenco
Fundador da Dupla Companhia**

FICHA TÉCNICA

DUDA RIOS

direção e dramaturgia

LUCAS GONZAGA

RAFAELE BREVES

GABRIELA CARRIEL

VICTOR MOTA

HUGO MUNERATTO

elenco e colaboração dramaturgica

VIVIANE MOSÉ

provocação

LUCAS GONZAGA

direção de produção e idealização

RAFAELE BREVES

direção de comunicação

DESSA FERREIRA

direção musical e trilha sonora

CLAUDINEI HIDALGO

visagismo

JESS MELO

design de som

MARIANA VILLAS-BÔAS

direção de arte e diretora assistente

BRUNA BOLIVEIRA

HUGO MUNERATTO

cenotécnica

FRANCIÉLE DA SILVA PINTO

LILIANE JANAINA CRUZ

ilustradoras convidadas

GABRIELE SOUZA

iluminação

KADU DIAS

assistente de adereços

MARTHA PIRES FERREIRA

voz off

DESSA FERREIRA

DUDA RIOS

canções originais

MIRANDA GONÇALVES

produção executiva

ANDRESSA BALDONI

fotografia

CRISTIAN LOURENÇO

modelista e costureiro

UBIRACI RIBEIRO

ADRIANA DO NASCIMENTO

HELOISA TRIGUEIROS

MARIA DE LOURDES DO VALE

ANA PAULA MATTOS

PROVIDENCIANDO (POR UM FIO)

MARCILENE MÁXIMO

APARECIDA CORREIA

equipe de costura

MINISTÉRIO DA CULTURA DO GOVERNO

FEDERAL

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA,

ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS DO

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL

realização

DUPLA COMPANHIA

produção





direção e texto inédito.

Falar da Nise da Silveira é muito mais do que falar de uma pessoa. Falar da Nise é ouvir. Ouvir o outro, o íntimo, o silêncio, a vida. Durante três meses eu ouvi o céu de Tatuí, o canto dos pássaros, e o desejo de canto de olho de Gabi, Hugo, Lucas, Rafa e Victor - minha amada mandala. Quando eu saí da minha querida Nordestina, tal qual a Nise, para tentar a sorte no Rio de Janeiro, jamais imaginei que as curvas do rio da vida me levariam à terra vermelha dos Tatus... Foram afetos profundos vividos com essa gente que encontrei na sala de ensaio e nos livros da Doutora. Sinto que estou transbordando. Feito essa semente peça. Durante os ensaios, nós entendemos que seria importante não apenas falar sobre quem foi a médica que iniciou o movimento antimanicomial no Brasil, mas trazê-la para o aqui e agora. Então Nise, seus clientes e suas parcerias, viajaram no tempo espaço até Tatuí, e suas histórias ressoaram nas histórias de vida dos brincantes contadores desse ritual cênico. No palco, elas e eles se utilizam da ferramenta teatral mais potente que já existiu na história da humanidade: o afeto. E é através dessa tecnologia que eles te convidam a fazer parte de um delírio revolucionário. Mitos, biografias, canções e devaneios se entrelaçam numa dança cósmica, numa grande “Ode ao Delírio”, para mostrar que o outro é mais nós do que parece. Não se enganem. Nise está em nós, nós estamos em vocês, e vocês estão em tudo. Agradecido, Dupla Companhia. Por partilharem esse sonho comigo. Vocês me encheram de vida. Agradecido, Dessa, Mari, Claudinei e Gabi. Remédio é dançar com vocês. Agradecido, Adelina, Octávio, Carlos, Brigadeiro, Dona Ivone, Martha, Raphael e Nise. Carrego vocês comigo para sempre.

DUDA RIOS
Direção e Dramaturgia



direção musical.

A música nasce do encontro. Um encontro de vozes, corpos, territórios e histórias. Foi assim que começou a construção da trilha sonora deste espetáculo, inspirado na vida e na obra de Nise da Silveira. Um processo que, desde novembro de 2024, atravessa nossas sensibilidades, em busca de sons que traduzam o pulsar do inconsciente coletivo e individual. Em Tatuí, junto ao elenco, vivemos momentos intensos de experimentação e criação. A trilha sonora, orgânica e visceral, cruza as cenas com texturas que misturam os sons vivos da improvisação e os ecos de trilhas gravadas. Ritmos afro-brasileiros e indígenas, cantigas tradicionais e músicas que libertaram as vozes do elenco foram parte das nossas vivências, revelando, pouco a pouco, a musicalidade escondida em cada integrante. A musicalidade do samba nos atravessa, evocando a conexão entre Nise da Silveira e Dona Ivone Lara, enquanto os sons do interior paulista nos levam à alma de Tatuí, inspirando-se no cururu e nas serestas que ecoam até hoje na região. A música se fez ponte entre tempos e lugares, entre memória e criação, alinhavando cada cena com delicadeza e força. Nesse processo, deixamos a música emergir da margem, do improviso, da brincadeira. Buscamos a espontaneidade, a liberdade e a expressividade que ressoam na essência do trabalho de Nise. Cada encontro foi um convite para escutar, sentir e criar, encontrando soluções leves e práticas, sem perder a profundidade de um trabalho que pulsa com a vida. O resultado é uma trilha que atravessa não só o espetáculo, mas também a nossa vivência, ecoando a sensibilidade e a potência transformadora que a arte pode revelar.

DESSA FERREIRA

Direção Musical e Canções Originais





iluminação.



Integrar essa equipe é participar de uma mandala de encontros: entre a potência artística da Dupla Companhia e o legado transformador da Doutora Nise da Silveira. Este trabalho carrega não apenas a história de uma mulher extraordinária que desafiou as fronteiras da psiquiatria, mas também a pulsação de um teatro que se ancora no território e no afeto. Minhas idas a Tatuí têm revelado mais que uma cidade rica em arte: elas têm sido um mergulho em uma prática teatral que pulsa resistência, que brota poesia do cotidiano e que se conecta com a comunidade de forma visceral. A trajetória da Dupla Companhia é um exemplo de como a arte pode transformar realidades e semear futuros. Trago na minha bagagem, para além da minha experiência, a vontade de amplificar as sementes dessa criação, de iluminar os gestos, as histórias e os delírios que nos convidam a refletir sobre a potência humana. Entre sombras e formas, este trabalho reflete o respeito e a admiração por uma companhia que, com coragem e generosidade, me convidou a pisar devagarinho, fincando raízes profundas em cada novo encontro.

GABRIELE SOUZA
Iluminação

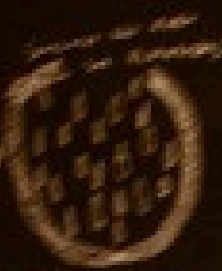


“Ivone em mim”. A peça tem outro nome e se debruça a contar a história de outra mulher, mas para mim, foi o sorriso negro que me abraçou nesse processo. Sabe quem trabalhou mais 30 anos com Nise da Silveira, mas dificilmente é lembrada? Enfermeira Ivone. Sabe quem foi a primeira intérprete de um “Sorriso Negro”? Dona Ivone Lara. E sabe quem me ensinou essa música? Minha mãe. Dona Claudete. Ambas são mulheres negras, que em tempos diferentes tiveram que superar as dificuldades. Minha mãe queria ser enfermeira, assim como Dona Ivone, mas Dona Claudete só teve os sonhos e o orgulho de ensinar para sua filha o verdadeiro hino de quem é preto no Brasil. Eu escutava Sorriso Negro quando sábado pela manhã era acordada para faxinar a casa ao som do samba. Era quando o balde virava tantan e a vassoura o microfone. Conquistar espaços, me lançar nas brechas, assim como Dona Ivone, que por anos não pode assinar seus sambas, mas os entoava para os clientes do hospital psiquiátrico. Seu reconhecimento encontrou primeiro a loucura, para, já na melhor idade, ganhar os palcos. E foi me inspirando na resiliência de Ivone Lara, que lutou para ser a primeira mulher a assinar um samba enredo no Rio de Janeiro, que aqui em Tatuí também batalhei para que ela, a senhora da canção, não ficasse fora dessa peça e que sua memória também fosse uma ode ao delírio. E é por isso que continuo aqui. Porque se depender de mim eu mando buscar quem mora longe. Eu mando buscar o meu sonho. O sonho meu, para existir. Nenhuma história a menos. Salve Dona Ivone Lara!

RAFAELE BREVES

elenco e colaboração dramatúrgica





STU

A

→ RO DOS CASOS GROSSAS

... ...
... ...
... ...

MELANCIAS

NISE

... ...
... ...

SAME

AGO

1000





direção de arte.

Teatro é acontecimento, o milagre do instante, como semente que brota aos olhos do espectador, texto e imagem se completam - uma poesia sensorial para vivenciar a grandiosidade do instante. Logo no primeiro ensaio percebi que as palavras pertencimento e transformação me guiariam. Penso a partir de signos, então a imagem da semente e da tela em branco me vieram como símbolos. O tecido branco que nos leva ao universo estéril hospitalar, ao sufocamento de uma camisa de força e em contraponto, à leveza de uma asa batendo, um pára-quedas pousando, nos transportando para o universo dos sonhos. A ideia é que o cenário seja também instalação, que se transforme ao longo do espetáculo, construindo imagens que trabalhem a dualidade do mundo interno e externo. Imagens do inconsciente, que reforçam a ideia, de que assim como na arte, nada é definitivo, tudo flui, se transforma e o espectador participa desse acontecimento. "O trabalho não é servil, é algo que exprime a alma da pessoa" - Nise da Silveira. Trabalhar com arte é criar com alma, criar é se oferecer ao desconhecido, às dúvidas, à tela em branco. Nise despertava as sementes criativas do ser, despertava a autodescoberta para o desenvolvimento, é o processo de individuação da alma através da descoberta do potencial criativo para a semente brotar. Acredito que a direção de arte deve tornar o invisível visível. É essencial estar presente nos ensaios com os atores, pois me ofereço ao atravessamento do texto e é dele que as imagens brotam para mim. Cada processo criativo é um salto no abismo, estar disponível e não saber, se entregar à experiência de estar em processo de descoberta. A imersão em Tatuí, perceber o lugar, as pessoas, caminhar pela cidade, tocar a terra vermelha, foi a semente do meu processo: "Estar vivo é imenso".

MARIANA VILLAS-BÔAS
direção de arte





Nise, você me ouve? Em uma cidade do interior paulista, uma menina de 7 anos brincava de ser. De ser pessoas que admirava, imaginava ser personagens de histórias de tv, inventava o seu próprio mundo. Tempo depois, ela conseguiu nomear essa brincadeira - fazer teatro. Essa menina foi se dando conta que o teatro possibilitaria que ela olhasse o mundo de outros modos. Essa brincadeira séria lhe tirou de uma grande enrascada, a de querer ser igual as outras pessoas, de sofrer em se diminuir para caber em padrões e para ser aceita. Aquela menina, se tornou mulher e foi compreendendo a potência da inadequação, das “tortisses”, dos desvios e da desobediência. Que alívio. Estar no processo de Nise em nós - Uma ode ao delírio, é pegar essa menina de 7 anos pelas mãos e continuar construindo a possibilidade de olhar o mundo de outras maneiras. É olhar para a loucura como uma afirmação de outras existências possíveis. É de compartilhar as minhas desproporções, de celebrar as singularidades e inadequações como potência de vida, assim como Nise o fez. Um outro modo de existir nesse mundo. E não estou só, estou amparada pelos meus amigos de cena, pessoas que admiro e que me permitem este compartilhamento com muita ternura. E de toda a equipe criativa ao nosso lado. Agradecida aos belos encontros da vida. Nise, se estiver me ouvindo, saiba que a sua luta continua. A sua luta que é a minha, que é a nossa. Que possamos continuar contando as nossas histórias e nos fortalecendo coletivamente.

GABRIELA CARRIEL

elenco e colaboração dramática





Vida, onde dificilmente de forma concreta e consciente, um ser busca suas escolhas e, se vê em caminhos trilhados e determinados, por inúmeras questões, passando por distorções, adaptações, se "enquadrando", forçosamente deixam de ser. Realizam o perigoso salto do abandono de sua essência, entortam-se. Visualizando a prisão da tal razão apática, possuem poucas recordações, poucas respostas, surtam?!., Pessoas são ensinadas? Compreendidas? Aceitas? São? Quem são? Somos quem nós? Somos? Seres? Dra. NISE carinhosamente, quase estourando a bexiga, esbofeteia os padrões, as certezas e nós apresenta um entroncamento com dúvidas, escuta a sintonia realizada por cada um dos seres que atravessaram seu caminho e pacientemente semeia, e aguarda o desabrochar de um ser em sua busca, única, deixando que os sonhos e suas imagens tenham a possibilidade de ser.

HUGO MUNERATTO

elenco e colaboração dramaturgica

O início é um reencontro. Na espiral do tempo, 12 anos se passaram para o resgate acontecer. O que aqui chamo de resgate é convite para participar desse projeto que vai ao encontro da história e legado da Dra. Nise da Silveira. Há 12 anos, em Sorocaba, uma semente foi plantada, criou raízes que passaram por muitos caminhos e encruzilhadas até chegar em Tatuí, agora eu tô em Tatuí! Tô em Tatuí! Dra. Nise da Silveira e a Dupla Companhia me resgataram para a liberdade, para um estado de galáxia, para ser flor. E assim está sendo, um mergulho profundo no interior que reflete o exterior em forma de gesto, dança, corpo/voz. Vocês já enlouqueceram de paixão? . . . A benção Dona Ivone, Adelina Gomes, minhas mais velhas que guiaram meus caminhos nesse trabalho. Obrigado parceiros de trabalho que me acolheram e compartilharam suas vidas de forma genuína e sincera: Gabi, Hugo, Lucas e Rafa. "Oi, langa, o que tipoí ianga, didianga me..."

VICTOR MOTA

elenco e colaboração dramaturgica





Sonhar mais um sonho impossível

por Luís Cláudio Machado

A Dupla Companhia estreia novo espetáculo, “Nise em Nós - uma ode ao delírio”, com dramaturgia inédita, construída coletivamente, e direção de Duda Rios, celebrando os 120 anos de Nise da Silveira. Homenagem mais que justificada à primeira brasileira a se formar em Medicina. A psiquiatra se recusou a usar eletrochoque no tratamento de esquizofrênicos e criou um setor de terapia ocupacional em um hospital do Rio de Janeiro. Mais tarde, fundou o Museu de Imagens do Inconsciente, um centro de pesquisa para preservar as obras desses clientes como documentos que pudessem melhorar a compreensão do mundo interior dos esquizofrênicos.

A dramaturgia de “Nise em Nós” traz o subtítulo “Uma Ode ao Delírio”. A ode é um poema destinado a ser cantado, uma composição laudativa em tom entusiástico. Aqui, é dirigida ao ‘delírio’, condição que afeta o estado mental do indivíduo, fazendo-o ter uma percepção alterada da realidade.

Os primeiros textos teatrais que temos, as tragédias gregas, eram classificadas por seus autores como “poemas trágicos”, visto serem escritas em versos e, as encenações, acompanhadas por música. Nesse sentido, a dramaturgia de “Nise em Nós” dialoga com essa tradição não apenas por fundir o lírico e o dramático, de certa forma, isso sempre aconteceu, mas por citar mitos como o de Dafne e o de Dionísio e, principalmente, pela maneira de encarar o texto teatral: uma composição bem-elaborada, que conte uma boa história e atinja o público (catarse), uma função pedagógica. Embora algumas tragédias que nos chegaram sejam referendadas a um coletivo (As Bacantes, As Troianas, Os Persas, As Suplicantes), a maioria é protagonizada pelo chamado ‘herói trágico’ (Édipo, Medeia, Antígona, Electra, Ifigênia, Prometeu...). “Nise em Nós” une o individual e o coletivo, equiparando a protagonista e “nós” – que somos todos – a heróis trágicos.

As ligações com a cultura clássica grega se estendem à construção do texto, estruturado em cenas que são intituladas “Mitos”. Ao todo, 18 mitos (cenas) compõem a dramaturgia, conferindo-lhe, uma estrutura circular, uma vez que se inicia com o “Mito de abertura: O Self” e termina com o “Mito Final: De volta ao Self”, isto é, o fim remetendo ao início. SELF, uma instância psíquica que compõe a personalidade do indivíduo, não SELFIE.

Existe uma distinção fundamental entre os textos que apresentam o círculo enquanto princípio de composição da história contada e o círculo enquanto lei da construção do discurso que conta essa história. Há textos que podem apresentar tanto um tipo quanto outro. “Nise em Nós” é um deles. O primeiro tipo fica evidente com a última cena remetendo à primeira; o segundo, por termos a vida de Nise e as de seus ‘clientes’ – como preferia chamar seus pacientes, informação que o diálogo nos dá – se entrelaçando na construção do discurso com as histórias dos cinco atores-personagens, que por sua vez constituem uma Mandala, elemento que também é um personagem de suma importância no texto. Lembrando que essa figura geométrica que representa o universo e a relação entre o ser humano e o cosmos é uma palavra que vem do sânscrito e significa, justamente, “círculo”.

Ao identificar um padrão de imagens circulares nos trabalhos dos clientes do ateliê, ou que tendiam ao círculo, Nise as associou às mandalas referidas por Jung em sua obra. Carl Gustav Jung (Carlos Gustavo), também personagem mencionado por ter grande importância na carreira de Nise e terem cultivado forte amizade, dizia que as mandalas surgem espontaneamente quando a psique está em processo de reintegração, em seguida a momentos de desorientação psíquica, como fator compensador da desordem.

A dramaturgia costura sonhos (de Nise, única mulher em uma turma de 157 homens, 157 certezas sentadas, e de todos os personagens), pessoas (atores, personagens de suas histórias e dos casos da Dra. Nise), lugares (Tatuí, Rio de Janeiro, MASP, Hospital de Engenho de Dentro, Conservatório de Tatuí, Hospital da Urca...), histórias (dos atores-personagens, dos clientes de Nise...) e História (Memórias do Cárcere com Olga Benário e Graciliano Ramos), num processo de retroalimentação.

O texto avança, retoma algum elemento e avança de novo, e assim sucessivamente. Essa retomada, ao entrelaçar histórias pessoais (de Nise, dos atores-personagens, dos clientes da Dra e mitos), configura-se um procedimento feito o “fio de Ariadne”, para o espectador/leitor não se perder no labirinto da Mandala, como fez a princesa grega para salvar Teseu do labirinto do Minotauro.

Pensemos no mito citado de Dafne e Apolo, a relação desse mito com a história de Adelina, com a de Victor e Diego, com a de Lucas e William, ou seja, frutos de traumas que repetem o mito grego: ter negado o direito de amar quem quiser. Amores proibidos, histórias que se repetem. Da mesma forma, o fato de Victor e Dafne virarem flor.

Apesar de, já há um tempo, prevalecer a ideia de “aldeia global”, há de se enaltecer a opção da Dupla Companhia de levar a cabo a máxima de Tolstói: “Se queres ser universal, começa por pintar tua aldeia”. Não é o primeiro trabalho em que a cidade, local onde foi criada e sede da Companhia, é destaque nas histórias que são contadas em suas peças. A importância dada à “origem” aparece em Rafaele, na referência ao título de maior colecionadora de bonecas negras. Primeiro é dito a maior “de São Paulo”, depois, a maior “do Brasil”, e por último, a maior “de Tatuí”. Na verdade, essa ordem não traduz a importância dos títulos para sua detentora. Fica a sensação de que o título de a “maior colecionadora de bonecas negras de Tatuí” seja o mais importante por ser o primeiro, onde tudo começou, e que sem ele, os outros não aconteceriam. Outra referência ao orgulho da origem está em assumir o sotaque como elemento de sedução. Ou ainda na menção à atriz Vera Holtz, nascida na cidade.

Todavia, o espetáculo, fruto de uma das sementes plantadas por Nise que brotou em solo tatuiense, não segue cegamente a máxima de Tolstói. Cantar sua aldeia não basta. Isso de nada adianta sem a criação de uma linguagem, e o trabalho da trupe, para quem o acompanha, mostra exatamente isso, uma preocupação com a criação de uma linguagem que seja como uma marca do seu d.n.a. cênico. Alguns elementos que aqui aparecem, como a estrutura circular, a metateatralidade, a cidade de Tatuí, também presentes em outros trabalhos, seriam indícios dessa busca de seu d.n.a teatral? Os trabalhos futuros responderão.

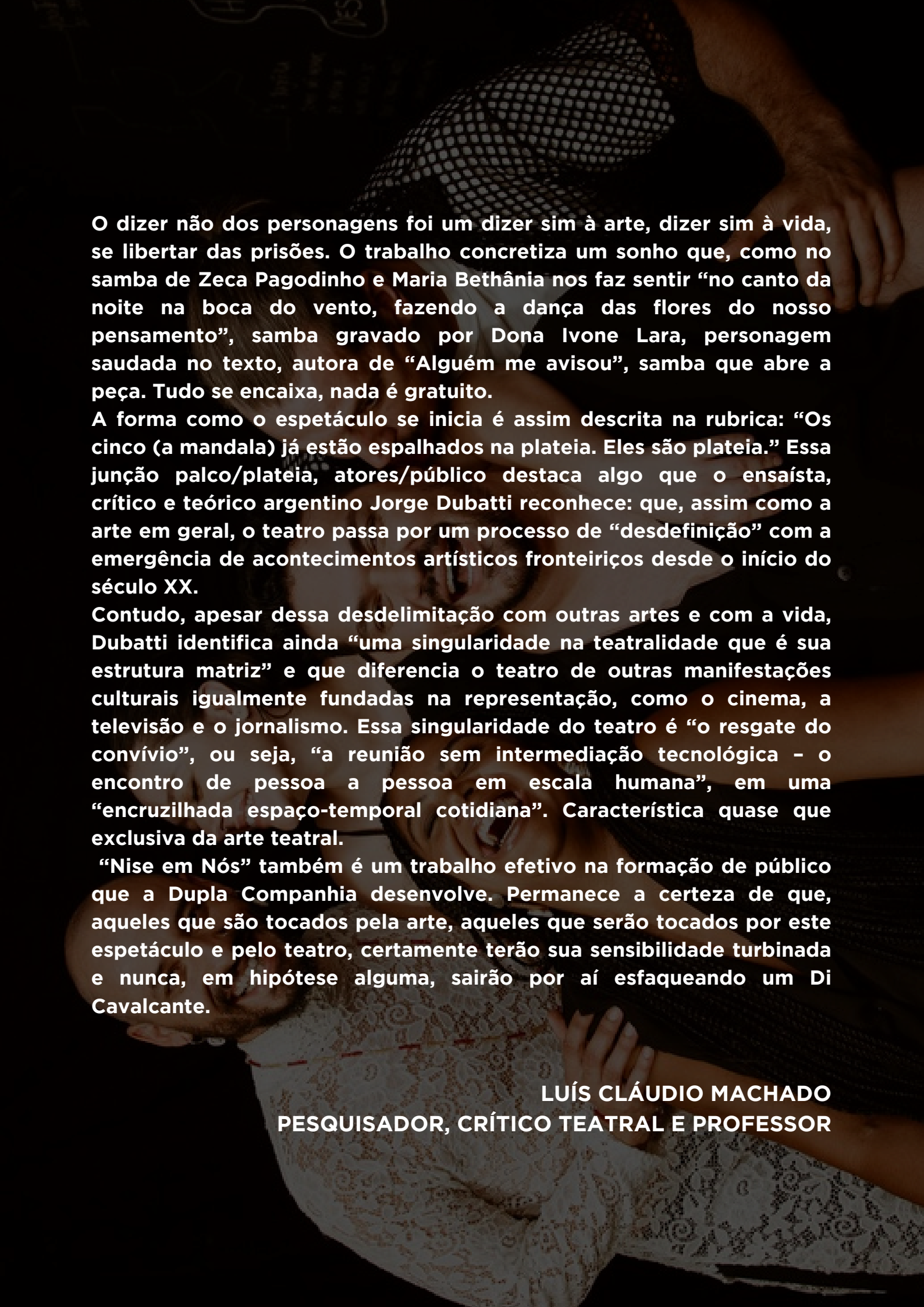
A ideia era sim a de homenagear Nise da Silveira e cumprir com louvor esta função. Nise que já é “pessoa livro, pessoa tese, pessoa matéria, pessoa exposição, pessoa documentário, pessoa samba-enredo, e até pessoa Glória Pires no pessoa filme, [...] também pessoa peça, agora, bem aqui”, mas ela nunca quis ser nada disso. “Ela queria ser pessoa gente. Queria deixar uma contribuição para o mundo, não o seu nome”. Se essa mulher foi a mola propulsora da criação do espetáculo, a dramaturgia acaba sendo uma ode ao fazer artístico (delírio?), de maneira geral, e à criação teatral (loucura?), em particular. E é aí que o recurso ao Metateatro se mostra fulcral.

O metateatro aparece nos textos dramáticos a partir de duas perspectivas: por um lado, a clássica, de Lionel Abel, que vê o metateatro como um “gênero” de obras nas quais os personagens vivem a “vida” como já teatralizada (o mundo como teatro e o teatro como cenário do mundo). Visão de caráter especulativo, pois implica o modo como os personagens são construídos para refletir sobre seu entorno e sobre si mesmos, a partir da metáfora do *theatrum mundi*.

Por outro lado, temos a perspectiva que se manifesta, especificamente, pelas técnicas metateatrais por parte dos dramaturgos, e que podem ser percebidas na estrutura do texto e na relação com os personagens e a ação. Estas técnicas são, em termos gerais, o teatro dentro do teatro, a representação de mais de um papel por um personagem-solo e a autoconsciência dramática (Hornby; Larson).

“Nise e nós” se encaixa na segunda perspectiva. Temos, desde o princípio, o processo de criação coletiva de um espetáculo. Também temos a própria Companhia e seus componentes (os atores que mantêm seus nomes como personagens), menções a “minha cena”, ao sonho de Rafa de fundar uma Cia de Teatro (sonho realizado), Gabi que se encontra ‘presa’ na peça (metáfora que remete à crise do autor), “quando a peça terminar”, “quer que a gente pare a peça”, “eu me comovo com a peça”, “sonhei que tomava uma cerveja depois da peça”, “inspirou muita coisa aqui dessa peça”, “não sei o que vim fazer na peça”, “não sei terminar a peça”, “eu quero fazer teatro”. Muita menção a Shakespeare, criador de dois dos personagens enlouquecidos mais interessantes da História do Teatro: Hamlet e Ofélia. Menção a personagens de “Um bonde chamado desejo” e de “O jardim das cerejeiras”. É metateatro na veia!

A partir do SONHO, elemento disparador de “Nise em Nós”, que tem papel fundamental na Psicanálise, sobretudo a partir de “A interpretação dos sonhos”, de Freud, o espetáculo se quer, como o trabalho daquela que o inspirou: uma semente para aqueles que o assistirem. Que o conhecer ou saber mais sobre Nise da Silveira e seu trabalho revolucionário frutifique e inspire o público. Sonho quixotesco almejado pela Mandala (personagem configurada pelos cinco atores). O uno que é coletivo, o coletivo que tem uma unidade. “A raça humana, o trabalho de Deus”, citando Gilberto Gil.



O dizer não dos personagens foi um dizer sim à arte, dizer sim à vida, se libertar das prisões. O trabalho concretiza um sonho que, como no samba de Zeca Pagodinho e Maria Bethânia nos faz sentir “no canto da noite na boca do vento, fazendo a dança das flores do nosso pensamento”, samba gravado por Dona Ivone Lara, personagem saudada no texto, autora de “Alguém me avisou”, samba que abre a peça. Tudo se encaixa, nada é gratuito.

A forma como o espetáculo se inicia é assim descrita na rubrica: “Os cinco (a mandala) já estão espalhados na plateia. Eles são plateia.” Essa junção palco/plateia, atores/público destaca algo que o ensaísta, crítico e teórico argentino Jorge Dubatti reconhece: que, assim como a arte em geral, o teatro passa por um processo de “desdefinição” com a emergência de acontecimentos artísticos fronteiriços desde o início do século XX.

Contudo, apesar dessa desdelimitação com outras artes e com a vida, Dubatti identifica ainda “uma singularidade na teatralidade que é sua estrutura matriz” e que diferencia o teatro de outras manifestações culturais igualmente fundadas na representação, como o cinema, a televisão e o jornalismo. Essa singularidade do teatro é “o resgate do convívio”, ou seja, “a reunião sem intermediação tecnológica – o encontro de pessoa a pessoa em escala humana”, em uma “encruzilhada espaço-temporal cotidiana”. Característica quase que exclusiva da arte teatral.

“Nise em Nós” também é um trabalho efetivo na formação de público que a Dupla Companhia desenvolve. Permanece a certeza de que, aqueles que são tocados pela arte, aqueles que serão tocados por este espetáculo e pelo teatro, certamente terão sua sensibilidade turbinada e nunca, em hipótese alguma, sairão por aí esfaqueando um Di Cavalcante.

LUÍS CLÁUDIO MACHADO
PESQUISADOR, CRÍTICO TEATRAL E PROFESSOR





7 a 23 de agosto de 2025
quintas e sextas às 19h e sábados às 18h
Ingressos gratuitos em bb.com.br/cultura e na bilheteria do CCBB

Centro Cultural Banco do Brasil
Rua Álvares Penteado, 112 - Centro Histórico - SP
Próximo à estação São Bento do Metrô
Informações: +55 11 4297-0600
[instagram.com/Ccbbbsp](https://www.instagram.com/Ccbbbsp) | [facebook.com/ccbbbsp](https://www.facebook.com/ccbbbsp) | [tiktok.com/@ccbbcultura](https://www.tiktok.com/@ccbbcultura)

Aberto todos os dias, das 9h às 20h, exceto às terças.

Estacionamento conveniado: Rua da Consolação, 228, com traslado gratuito até o CCBB. Parada no Metrô República no trajeto de volta. Consulte horário de funcionamento em nossas redes sociais.
R\$ 14 pelo período de 6 horas (necessário validar o ticket na bilheteria do CCBB).